

UNIVERSALISMO – PASTOR RENATO VARGENS

Em <http://www.cacp.org.br/pr-kivitz-defende-a-heresia-do-universalismo/> lemos um artigo do pastor Renato Vargens, abordando o que foi dito em um vídeo contendo palestra do pastor Ed René Kivitz, que o pastor Renato considerou como de fundo universalista e passou a criticar esse tipo de atitude do pastor Ed Kivitz, esquecendo-se de que a Bíblia (AT e NT) está cheia de passagens sobre o fato de Deus não fazer acepção de pessoas, destacando-se as palavras proferidas por Jesus (a quem os ditos cristãos chamam de Deus), do seguinte teor: “Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, dará a cada um segundo as suas obras.” (Mt 16,27)

Esclareço que os textos de autoria do pastor Renato estão sombreados, enquanto os meus não. Informo, ainda, que, para manter a autenticidade, os textos dele foram transcritos utilizando as teclas “Ctrl+c” e “Ctrl+v”; portanto, se algum erro houver, este vem do texto original.

Diz ele:

Estou assustado com o rumo de alguns evangélicos no país. Estou pasmo em descobrir que muitos irmãos em Cristo estão aderindo ao universalismo. Hoje, para minha tristeza assisti um vídeo do pastor Ed René Kivitz que de forma descarada defendeu a salvação de todos os homens. No vídeo ele afirmou que antes acreditava que apenas os cristãos seriam salvos, mas que agora acredita que o Espírito de Deus está em toda a humanidade, que os seres humanos anseiam por Deus e que isso efetivamente vem de Jesus. Em sua pregação Kivitz também afirma que ficaremos surpresos quando chegarmos ao céu e percebermos lá toda a humanidade, isto é, crentes, incrédulos, pessoas que nunca acreditavam em Cristo, juntas louvando ao Senhor. Segundo o pastor Batista as pessoas perguntarão as outras como chegaram ali? E todos dirão, foi Jesus.

Tenho que concordar com o pastor Renato que uma teologia neste sentido não só deve assustar, mas apavorar, mesmo, todas as lideranças dos seguimentos ditos cristãos, principalmente aquelas que tentam dominar as ovelhas dos seus rebanhos, na base do terror da vida única, e cujo destino final é o inferno, o que leva os seus fiéis a aceitarem qualquer ideia como tábuas de sua salvação; e uma delas, por ser a mais cômoda, é a de que basta acreditar que Jesus veio morrer por todos que Nele creem, para ter seus pecados perdoados, embora Ele nunca tenha declarado isso; a outra é que basta acreditar que Ele é o Messias, e nosso salvador, para o fiel conseguir sua salvação e ir para o céu, contrariando o que Ele disse em Mateus 16,27, que cada um receberá de acordo com suas obras, e complementou no verso 28: “Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino.”

Veja que Ele disse que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem, ou seja, o próprio Jesus, na sua segunda vinda; ora, se não provarão a morte, não é porque não morrerão até essa nova vinda (o que seria contra a lei de Deus, que diz que o homem viverá não mais do que 120 anos, em Gn 6,3), mas, sim, que não voltarão a uma nova vida aqui na terra, para que não passem por um novo processo de morte, só vindo a nascer de novo por ocasião da segunda vinda de Jesus e passar pela morte ao tempo predito por Jesus. Pelo menos é o que se pode depreender do contexto bíblico.

Entretanto, essa nova teologia (que está mais concorde com aquela que estabelece que cada um receberá de acordo com as suas obras) põe por terra a hoje reinante, de que basta acreditar que Ele, a exemplo do cordeiro imolado dos judeus, foi morto para nos salvar, colocando todos nós em pé de igualdade perante Deus, independentemente da religião a que pertencamos; ora, como tal teologia tira dos fiéis o direito à primazia da salvação, entendo que os líderes religiosos têm que combatê-la, com todas as suas forças, como reagiu o pastor Renato, porque, dessa forma, a salvação

de cada um caberá a si próprio, o que tira o ganha pão daqueles que vivem às expensas do dízimo (lã) das “ovelhas”, em que são transformados os seus respectivos “fiéis”, que só serão considerados como tal, enquanto contribuírem com seu dízimo.

Daí esse afã em apresentar todo o argumento possível contra a doutrina que se convencionou chamar de universalista, pois tira da mão do pastor o “cajado da salvação”, que é mantido pela doutrina terrorista da vida única, como se Deus fosse menos condescendente do que o homem.

Assim, partindo de uma hipótese, suponhamos que existissem no Brasil duas regras com relação ao estudo formal: - uma estabelecendo que o aluno que fosse matriculado em um determinado tipo de escola não poderia repetir de ano, e que se ele não atingisse a nota mínima deixaria de estudar e não poderia frequentar outra escola, nem ter condições de ter acesso a mais nada para continuar seu aprendizado; e outra que daria oportunidade ao aluno de deixar algumas matérias em recuperação e até de repetir o ano, ou de ser transferido para outra escola e continuar seus estudos, normalmente. Suponhamos, ainda, que cada um de nós tivesse dois filhos; em qual dos dois tipos de escola vocês os matriculariam? Será que os matriculariam na que não dá oportunidade de continuar seus estudos ou na que dá condições de poder até de repetir o ano? Ou dariam tratamento desigual aos dois, matriculando um deles na que não dá oportunidade e o outro na que dá todas as oportunidades possíveis?

No meu caso, que não tenho os atributos de Deus, garanto que matricularia na que dá todas as oportunidades possíveis; e vocês? Espero que sejam sinceros e digam que fariam igual a mim, como seres humanos normais, que amam seus filhos...

E mais; será que Deus seria capaz de fazer isso com Sua criatura, a Quem as lideranças religiosas procuram demonstrar que Ele tem tanto amor por nós que até mandou Seu filho unigênito para ser morto em troca da nossa salvação? Se, apesar d’Ele ter feito isso, o homem continua tendo que se esforçar, para não ir para o inferno, não nos resta outra alternativa senão a de concluir que, apesar da Sua morte, de todo o esforço feito e todas as providências por Ele tomadas foram em vão, já que o homem continua sendo pecador, e punido pelo pecado original (e põe original nisso) que Adão e Eva cometeram, embora esteja escrito em Hb 9,15 que a morte de Jesus foi para o perdão dos pecados cometidos durante o AT; e, pelo que consta, o pecado do primeiro casal foi cometido na vigência do AT; logo ele também deveria ter sido perdoado; mas até hoje existe o batismo ...

Além disso, considerando o que é dito em Hb 9,15, os pecados que foram perdoados foram os cometidos sob o AT, o que joga por terra a teologia da função vicária ou redentora da morte de Jesus; assim, tendo em vista que não se pode perdoar pecados para o futuro, não podemos aceitar que Deus iria praticar um ato contrário às Suas leis, dentre elas a da irretroatividade dos fatos no tempo. Conseqüentemente, essa de que Ele morreu para perdoar nossos pecados, conforme o que está escrito em Hb 9,15, só poderá ser considerada como válida para o futuro, em relação a nós, se for com o sentido que nós já vivemos na vigência do AT e a morte de Jesus valeu para apagar os pecados por nós cometidos anteriormente a Sua morte como, mal comparando, uma borracha apaga os riscos de um lápis, dando-nos a oportunidade de recomeçar do ZERO, a partir daí, como acontece no hodômetro de um veículo, quando este atinge os 100.000 quilômetros rodados.

Entretanto, como essa interpretação leva à tal da reencarnação, é fora de dúvidas que será, de pronto, descartada pelos que não aceitam a reencarnação, ainda que o entendimento sobre a morte redentora de Jesus, para os pecados futuros, seja considerada como fora de lógica, já que sempre haverá quem entenda e afirme que Deus pode TUDO, até modificar suas leis; mesmo que isso implique em se duvidar da perfeição de Deus, em função da necessidade d’Ele contrariar uma delas.

Logo, de duas, uma: ou Ele morreu em vão, ou não soube vender o seu peixe, porque nem a Paulo, nem aos apóstolos e nem aos que pregam em Seu nome, Ele conseguiu convencer, pois todos eles morreram e continuarão morrendo (inclusive nós vamos morrer), porque é lei deste mundo que se morra, e de que ninguém viverá mais do que 120 anos (Gn 6,3).

Caro leitor não canso de falar que o universalismo não é uma doutrina bíblica. Afirmar que Cristo salvará todos os homens independente de serem salvos por Jesus fere as doutrinas centrais das Escrituras. Segundo essa triste concepção, o inferno simplesmente não tem sentido, mesmo porque, todos viverão para sempre com o Senhor Jesus no céu.

Diante disto, por favor pense comigo: quer dizer então que a verdade pregada por Paulo de que o salário do pecado é a morte é uma inverdade? Um factóide? Na perspectiva de que todos serão salvos para que então pregar o evangelho? Ora, se todos serão salvos o inferno não existe, e se ele não existe o que fazer com os inúmeros textos bíblicos que afirmam sua existência?

Sim para contragosto dos liberais o inferno existe! Ele é uma verdade clara e indiscutível na Bíblia.

Bom, Como afirmei anteriormente eu não me alegro com o inferno. Na verdade, já até escrevi sobre isso. Todavia, o fato de não gostar dele, não me concede o direito de negar a sua existência.

Isto posto e esclarecido vamos NOVAMENTE aos fatos: A Palavra de Deus afirma categoricamente que “Os perversos serão lançados no inferno, bem como todas as nações que se esquecem de Deus.” (Sl 9.17) Além disso, a Bíblia o descreve como um lugar terrível, de tormento e onde estarão por toda a eternidade todos aqueles que não tiveram seus pecados perdoados por Cristo. Ela também ensina que na volta de Jesus todos os homens serão ressuscitados. Os justos para a Glória e os injustos para o castigo eterno (Mt 25.31-46)

Pois é, ao olharmos as Escrituras percebemos que Jesus repetidamente advertiu sobre o inferno. (Mateus 5:21-22, 27-30; 23:15,33.) Negar a existência do inferno é, portanto, rejeitar a autoridade de Jesus. Seria estranhamente inconsistente aceitar Cristo como Senhor, mas rejeitar um aspecto de Seu ensino. Além do mais, isto seria colocar uma gigantesca falha moral no caráter de Cristo, se Ele ensinasse sobre a realidade do inferno quando na verdade ele não fosse um perigo para ninguém.

Prezado amigo, o Inferno é uma realidade bíblica e não pode ser questionada, mesmo porque, segundo as Escrituras o próprio Deus o instituiu. O problema é que liberais e universalistas em nome do amor abandonaram nas prateleiras da vida, algumas verdades a respeito de Deus, como por exemplo a afirmação de que ele é Soberano, e como tal possui o direito de fazer aquilo que lhe apraz, e que o fato de determinar sua vontade quer em tragédias ou no estabelecimento do juízo eterno não o torna menos amoroso.

Ora, o Universalismo afirma que todas as pessoas serão salvas por Deus. Essa percepção teológica apela para as emoções humanas e insinua que um Deus bom jamais enviaria as pessoas para o inferno.

Sim Deus é amor, no entanto, ele também é justo e governa soberanamente sobre tudo e todos. Nosso Senhor estabeleceu que a salvação é por intermédio de Cristo. Se assim não fosse, por que então evangelizarmos? Por que fazermos missões? Por que

obedecer as ordens da grande comissão? Ora, por favor, pare e pense comigo se o homem será salvo sem os méritos da cruz, por que razão Deus enviou seu filho para morrer por nós?

Quanto ao Universalismo não ser uma doutrina bíblica, por ferir as doutrinas centrais da Bíblia, pergunto: será que as passagens contidas na Bíblia, que falam que Deus não faz acepção de pessoas, ferem as “doutrinas centrais” da Bíblia, como afirma o nobre pastor?

Apenas para não enfadar o pastor, e muito menos os leitores, transcrevo apenas uma passagem que, para mim, não deve ser desprezada, em função do personagem a quem se atribuem as palavras nela contidas: “Quanto menos àquele que não faz acepção da pessoa de príncipes, nem estima o rico mais do que o pobre; porque **todos são obra de suas mãos.**” (Jó 34,19) (grifei)

Quanto à citação de que “o salário do pecado é a morte”, concordo plenamente com o que diz o pastor, com uma pequena diferença em termos doutrinários, mas diametralmente contrária em termos semânticos. Veja-se que, de acordo com a interpretação atual dos antirreencarnacionistas trata-se da morte física e da subsequente condenação do espírito ao inferno; já a minha, seguindo o princípio da Doutrina Universalista a que o pastor se refere, entendo que todos nós, cristãos ou não, quando deixamos os nossos corpos, vamos para a dimensão espiritual, onde se encontram Jesus e os demais assessores do Criador, como se depreende da passagem da parábola do rico e Lázaro, descrita em Lucas 16,19-31, em que o rico dialoga com Abraão. Veja que os três se encontravam na mesma dimensão, a ponto de um “enxergar” o outro, e até dialogar. Ora, se isso aconteceu é porque ambos estavam na mesma dimensão de Abraão – o rico que viu Lázaro, e porque falou com Abraão; isso não há como se negar, pois está na Bíblia.

Assim, a morte de que fala Paulo é aquela em que o espírito volta a um novo corpo para poder ficar sujeito ao fenômeno que se chama de morte; ou seja, enquanto a pessoa continuar pecando (não cumprindo os ensinamentos de Jesus) ela permanecerá nesse processo contínuo (em algumas religiões chamado a roda da vida) de nascer, viver, morrer e nascer de novo e assim, sucessivamente, até não ter mais pecado a pagar, cumprindo a máxima de Jesus, proferida no Sermão do Monte, onde Ele diz que ninguém sairá de onde estiver (no caminho que leva a Deus) enquanto tiver algum débito com quem quer que seja, e por menor que seja... Esse, para mim, é o sentido que se deve tirar das palavras de Paulo, principalmente se conjugadas com as de João, 3,7, em que Jesus diz a Nicodemos ser necessário nascer de novo. E não se alegue, repito, que esse nascer de novo tem o sentido de um outro tipo de nascimento, pois o sentido de “**de novo**” é o **de repetição do mesmo ato** (no caso, o de nascer) e não o de que se pretende a ele atribuir, que seria o de um novo tipo de nascimento, como o de mudar de modo de vida...

Já com relação à existência do inferno, esclareço que até posso concordar com a sua existência; mas, em vez de ser um local físico, ele se resume a uma condição emocional como quando alguém passa por uma situação de decepção ou de uma grande perda; o mesmo se deve entender com a existência do Céu, que também é uma condição emocional, em que alguém se sente bem, percebendo o amor em sua plenitude.

Quanto à criação do inferno por parte de Deus, não duvido, mas não como um local físico, como já disse, pois, se entendermos como físico, seremos obrigados a aceitar que Deus também lá estará, já que Ele, pela Bíblia, é onisciente, onipresente e onipotente; já, se for uma condição emocional do indivíduo (espírito), Ele perceberá o que se passa com cada um de nós, sem estar conosco, enquanto que, se físico, obrigatoriamente Ele teria que estar lá (no inferno) conosco, repito.

Além disso, é bom ressaltar, esse inferno (físico ou emocional), jamais poderá ter o caráter de eternidade, tendo em vista a passagem descrita no Salmo 103,8-10, da qual destaco: “Não

repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a *sua ira*.” Ora, se a Bíblia diz que Deus “*não repreenderá eternamente nem para sempre conservará a sua ira*”, como alguém poderá pretender afirmar que o inferno é eterno? Só se esse alguém, por se achar como representante de Deus aqui Terra, considerar-se possuidor de poderes absolutos para decidir sobre o que Deus quis, ou não quis, dizer...

Já quanto a Ele ser soberano, isso é um baita de um sofisma, tendo em vista que, se entendermos dessa forma, Ele estará sendo antropomorfizado, pois estaremos atribuindo a Ele o sentimento de vontade, que é coisa humana e não de Deus. Por que digo isso? Simplesmente porque Ele não tem vontade, já que Ele é a Vontade em si; tanto assim o é, que, em relação à luz Ele não disse eu quero; simplesmente Ele disse: haja luz. E houve luz. (Gn 1,3); tô errado?...

Quanto a Deus ter estabelecido que a salvação é por intermédio de Jesus, não duvido, pois, se Jesus não tivesse existido, não teríamos o legado dos Seus ensinamentos; o cumprimento destes, sim, é que nos faz evoluir em direção a Deus; veja que Jesus apenas disse: ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura, sem fazer qualquer referência ao motivo da sua morte. Veja que Ele, na mesma passagem em que mandou pregar o evangelho, não disse que o Filho do Homem morreu e ressuscitou para perdão dos pecados... Conseqüentemente, não se pode pretender afirmar que a Sua morte teve o condão de nos salvar, já que a morte, simplesmente é um fato que pode induzir em algumas pessoas, em relação a outras, sentimento de tristeza; jamais servir de padrão de barganha; ou seja, em vez da morte de vocês, Eu prefiro a do Meu filho, como se quer em relação à morte de Jesus como meio de salvação da humanidade...

Agora, se admitirmos que o cumprimento das orientações contidas em Seus ensinamentos é a nossa salvação, aí, sim, estarei de pleno acordo.

Finalmente, gostaria de saber em que parte da Bíblia está escrito que Jesus disse que viria morrer por nós?...

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA